

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Maikelly Stanislososki

**O MEDO DO MAR E AS TENSÕES ENTRE CRISTÃOS E NORMADOS NO  
RELATO DE DUDON DE SAINT QUENTIN E SUAS RELAÇÕES COM O  
IMAGINÁRIO COLETIVO MEDIEVAL DURANTE O ANO 1000**

Porto Alegre

2012

Maikelly Stanislososki

**O MEDO DO MAR E AS TENSÕES ENTRE CRISTÃOS E NORMADOS NO  
RELATO DE DUDON DE SAINT QUENTIN E SUAS RELAÇÕES COM O  
IMAGINÁRIO COLETIVO MEDIEVAL DURANTE O ANO 1000**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em História, ao curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

Porto Alegre

2012

Maikelly Stanislososki

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em História, ao curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

Igor Salomão Teixeira-(Orientador)- UFRGS

---

Cybele Crossetti de Almeida- UFRGS

---

José Rivair Macedo- UFRGS

Porto Alegre

19 de dezembro de 2012

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as tensões entre os normandos das primeiras incursões escandinavas -ainda não inseridos completamente na sociedade franca- e os cristãos francos . Também se pretende analisar o medo do mar por parte dos cristãos já que a sociedade escandinava é por excelência uma sociedade dependente do mar, onde este sempre foi o modo pelo qual essa sociedade ganhava suas riquezas, seja por meio da pilhagem, do saque ou do comércio. Estas questões serão analisadas a partir da obra *Gesta Normannorum* de Dudon de Saint Quentin, um clérigo franco, que escreve dentro do ano 1000, período que é por si só repleto de medos.

Palavras chave: Incursões Normandas - Medo do Mar na Idade Média- Normandia Medieval

## ABSTRACT

This study purpose to analyze the tensions between the Normans from the first Scandinavian raids- still don't introduce themselves into a Frankish society- and the Christian Franks. Also this study purpose to analyze the fear of the sea, since the Scandinavian society is par excellence a society dependent of the sea, where it has been always a way that society earned their wealth, either through pillage, sack, or trade. This issues will be analyzed based on the work *Gesta Normannorum* of Dodo of Saint Quentin, a Frankish cleric, who writes in the 1000's a period that's itself full of fears. After reviewing these issues, will become a theoretical analysis of how these fears and tensions were part of a collective medieval imaginary.

Key-words: Normans Raids- Fear of The Sea in the Middle Ages- Medieval Normandy

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                    | <b>6</b>  |
| <b>1- DUDON E A FORMA DE ESCREVER A HISTÓRIA.....</b>     | <b>10</b> |
| 1.1O AUTOR.....   | 10        |
| 1.2 A FONTE.....  | 11        |
| 1.3OS PROBLEMAS.....                                      | 12        |
| 1.4 O ANO 1000.....                                       | 14        |
| <b>2- AS RELAÇÕES ENTRE PAGANISMO E CRISTIANISMO.....</b> | <b>16</b> |
| 2.1-CONTEXTUALIZAÇÃO.....                                 | 16        |
| 2.2-A TENSÃO ENTRE CRISTÃOS E PAGÃOS NA FONTE .....       | 19        |
| 2.2.1 ANSTING.....  | 19        |
| 2.2.2 ROLLO.....  | 22        |
| <b>3- O MEDO DO MAR E O IMAGINÁRIO.....</b>               | <b>25</b> |
| 3.1 O MAR PARA OS ESCANDINAVOS.....                       | 25        |
| 3.2 O MAR PARA DUDON DE SAINT QUENTIN.....                | 26        |
| 3.3 O MEDO E O IMAGINÁRIO COLETIVO.....                   | 28        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                          | <b>32</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                    | <b>34</b> |

*Comerciante por definición, guerrero por casualidad,  
ése es el vikingo”*

Régis Boyer

## INTRODUÇÃO

Estudar os povos tidos como bárbaros será sempre um tema atraente, pois está dentro do grupo usualmente denominado como o “grupo dos outros”, aqueles que a História sempre esqueceu de mencionar com mais profundidade, seja por uma questão de prioridades, de acidentes de percurso ou de esquecimento mesmo, involuntário ou não. No Brasil, “os outros são outros”, a população viking, nórdica ou escandinava- qualquer que seja o nome dado a ela- muito provavelmente não chegou até aqui, mesmo tendo aparato marítimo para tal. Aqui o escandinavo e principalmente o *viking* faz parte do imaginário, impulsionado pelos quadrinhos, pelos filmes, pelos videogames, pelas músicas etc. No senso comum, ele ainda usa elmos com chifres, ainda é forte e musculoso, loiríssimo e de olhos azuis. É gigante e tem modos que beiram aos bestiais. Só pensa em incendiar e demolir. Seus barcos são assustadores e quase formam um “U” tamanha a inclinação por onde saem as cabeças de dragões. Sempre de dragões. Navegam em alto mar, furiosos e dão risadas das tempestades. Riem muito alto, para também mostrar o quanto são fortes e destemidos. Sem falar na suposta quantidade absurda de hidromel que bebiam. Trabalhar com um povo tomado por estereótipos é sempre muito interessante para o historiador, pois ele se depara com a quebra de algum estereotipo ou paradigmas próprios, que tinham passado como verdades absolutas ao longo de sua existência. Ainda como ambição particular, é interessante pensar na desconstrução de uma sociedade quase mítica, para uma sociedade que muito pouco tinha de distinto das outras, ou que, em sentido reverso, tinha tantas peculiaridades como todas as outras. É bom para o historiador se dar conta dos exageros que vão se criando ao longo do tempo e tentar, no trabalho que faz, minimizá-los.

De um âmbito particular para um âmbito acadêmico e analisando a produção sobre normandos, podemos constatar que é uma produção ainda bastante escassa no Brasil, não existindo obras publicadas em português, com exceção das mais gerais sobre o momento histórico em que as incursões normandas se inserem. Há sim uma produção acadêmica bastante vasta por parte do professor da Universidade Federal do Maranhão, Jhonni Langer, sobre vikings durante a Era Viking (sec. VII)- do qual ele é especialista- pautado principalmente em questões relacionadas ao cotidiano e à mitologia das sociedades vikings enquanto pagãos e enquanto habitantes da escadinávia<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Jhonni Langer é o principal referencial sobre o tema no Brasil. Sua análise bastante focada nas sagas islandesas e na iconografia não será analisada neste trabalho, pois remetem a uma temática diferente do aqui proposto. O

Também não há grande quantidade de obras sendo publicadas pelo mundo com relação à Normandia se compararmos com a quantidade de estudos voltados para os escandinavos, com base nas sagas islandesas.

Este trabalho, vale dizer, não tem o objetivo de fazer uma análise completa do perfil do normando, e nem de sua versão pagã, do viking, mas sim associar essa figura em algo mais amplo, sem descaracterizá-la. O ponto de partida desta análise não é o viking, nem o cristão normando, nem o cristão franco, mas sim o imaginário construído socialmente que abarca todos os três elementos e tantos outros mais, marcados pela diversidade de agentes sociais na Idade Média.

A análise se foca no documento *Gesta Normannorum*, de Dudon de Saint Quentin. A edição utilizada consiste em uma tradução do latim para o inglês, por Felice Lifshitz em 1996.<sup>2</sup> Antes de uma análise mais detalhada, algumas questões sobre a fonte são importantes ressaltar:

- a) Dudon era descendente de francos, nascido em uma das regiões tomadas pelos normandos em que se estabeleceu uma colonização sistemática. Portanto, Dudon não era um descendente de normandos, era um franco, educado sob uma ótica carolíngia e cristão. Porém, ao contrário de outros cronistas da época, nutria simpatia e até admiração pelos duques normandos, o que fica claro na sua narrativa, com exceção dos primeiros escandinavos pagãos que invadiram a França. Em várias situações são colocados os pagãos e os “Christians” lado a lado, pra que fique claro como ambos são diferentes e agem de formas diferentes. Nesse contexto, se pensa uma análise do cristão e do pagão sob a ótica do medo e do estranhamento.
- b) O fato de Dudon escrever no decorrer do ano 1000. É um período em que as invasões de estrangeiros se intensificam, assim como se intensifica o medo, a miséria, a exploração, a fome e a fraqueza perante as forças da natureza. É importante tal contextualização já que nesse período os medos se tornariam ainda mais amedrontadores, principalmente direcionados a uma população tão carente de recursos.
- c) O medo do mar por parte de uma população franca, que sempre viveu em continente, e como o mar se mostra na fonte aos olhos de Dudon, sabendo que os clérigos não viam

---

trabalho também não se foca em temas ligados à religiosidade e cotidiano,- apenas toca nessas questões a fim de uma breve contextualização.

<sup>2</sup> *Gesta Normannorum* de Dudon de Saint Quentin, traduzida para o inglês por Felice Lifshitz está disponível em: [http://www.the-orb.net/orb\\_done/dudo/dudindexe.html](http://www.the-orb.net/orb_done/dudo/dudindexe.html)

o mar com bons olhos e também diante de uma outra sociedade que tirava seu sustento das rotas comerciais marítimas, sendo impossível pensar nela dissociada de seus respectivos barcos.

- d) A relação dessas tensões e medos, mostradas na fonte e escritas por uma única pessoa, com um imaginário social e coletivo. A Igreja católica, como a única instância de poder não fragmentado do período, exercia o que os estados só viriam a estabelecer muito tempo depois: um aparato de regras/normas e formas de pensar bastante coesos.

Diante dessas considerações apontadas, o problema de pesquisa formulado é: **De que forma o *Gesta Normannorum* de Dudon de Saint Quentin expressa o medo do mar e as tensões entre pagãos e cristãos e como isso dialoga com o imaginário coletivo no ano mil?**

## 1- Dudon e a forma de escrever a História

Neste capítulo, se fará um breve relato sobre quem era Dudon de Saint Quentin, a forma como ele escrevia. Sobre a fonte *Gesta Normannorum* e alguns cuidados para ler e interpretar a mesma. Também se contextualizará a fonte no ano 1000.

### 1.1 O autor:

Dudon de Saint Quentin nasceu por volta do ano de 960 em Vermandois e veio a falecer no ano de 1026. As fontes que dizem respeito à sua trajetória de vida são escassas, porém sabe-se que ele provavelmente estudou na escola de Reims, ou de Liège, aprendendo música, retórica, métrica e aritmética, ou seja, possuía a clássica formação Carolíngia<sup>3</sup>. Em 996, como cônego de Saint Quentin e um homem ostentando certa *autorictas*,<sup>4</sup> a pedido do então duque da Normandia Richard I (neto do primeiro duque Rollo), passou a escrever sobre “customs, deeds and rights”.<sup>5</sup> Prosseguiu após a morte de Richard I sendo financiado por outros membros do ducado. O seu trabalho terminara em 1015, quando se torna deão de Saint Quentin.

Segundo Elisabeth Van Houts, Dudon foca sua narrativa na história das origens – tipicamente romano – já que ele faz toda uma trajetória de vida seguindo os passos de Rollo e sua descendência.<sup>6</sup> Eric Christiansen aponta que seu trabalho não é nem histórico, nem político, mas sim “estético” ou retórico, e moldado pela literatura hagiográfica<sup>7</sup>. Segundo o autor, as histórias contadas de Rollo, Richard e Willian seguem o estereótipo e a forma com que os clérigos narravam a vida dos santos, com honradas ações e associações com os padroeiros da Neustria, Quentin, Lambert e Eligius. Outro elemento que Christiansen coloca é o caráter da predestinação de Rollo, com a visão da cristianização em meio ao mar, bem como a de seu neto salvar a França e também a descrição dos respectivos méritos e virtudes de toda a dinastia dos duques normandos descendentes de Rollo.<sup>8</sup> Stéphane Lecouteux (2005) afirma que os textos e, principalmente, poemas hagiográficos compostos em verso, poesia lírica, rima, etc. comuns no Renascimento Carolíngio são influências muito claras para as obras de

<sup>3</sup> CHRISTIANSEN, E.; *Dudo Of Saint Quentin, History Of The Normans*. Woodbridge: The Boydell Press, 1998. p.11.

<sup>4</sup> VAN HOUTS, E.; *The Normans In Europe*. Londres: Manchester University Press, 2000. p. 5

<sup>5</sup> “Costumes, fatos e normas”, Tradução minha. CHRISTIANSEN, Eric: *Op.cit*, p.11

<sup>6</sup> VAN HOUTS, E. *Op cit*, p.17

<sup>7</sup> CHRISTIANSEN, E.; *op.cit*, p.19

<sup>8</sup> IDEM. *Ibidem*, p.21.

Dudon como “La Vie de saint Germain d’Auxerre”, de Heiric, e “La Vie de saint Lambert”, de Étienne.<sup>9</sup>

### 1.2 A fonte:

*Gesta Normannorum* é um conjunto de manuscritos escritos em latim por Dudon de Saint Quantin. Trabalhamos com a tradução para o inglês feita por Felice Lifshitz em 1996. A fonte havia sido traduzida anteriormente por J.P. Migne em 1844 e J. Lair Caen em 1865, para o francês. Dudon escreveu sua “História da Normandia” que foi estudada posteriormente por William of Jumièges (1060), por Orderic Vitalis (1142) e por Robert of Torigni (1196). Também precedeu as sagas islandesas e pode-se dizer que é o primeiro relato escrito dos povos escandinavos, mesmo que vagamente e sua influência (ou não) nos escritos de Snorri Sturlson é uma questão em aberto para os estudiosos.

A obra completa apresenta sessenta divisões, capítulos ou sessões. O tradutor seguiu a mesma forma de divisão com que ela se encontra no monastério de Fécamp. Ela é composta basicamente de um relato em prosa, proveniente dos escritos de outros normandos e também do que sobrevive pela oralidade e de uma poesia no final, na qual o autor expõe seus sentimentos e anseios. Nesse trabalho, a análise se concentrará nas primeiras partes, compreendendo as primeiras ondas de invasões escandinavas até o estabelecimento de Rollo como primeiro duque da Normandia.

---

<sup>9</sup>LECOUTEUX, S. *À partir de la diffusion de trois poèmes hagiographiques, identification des centres carolingiens ayant influencé l’œuvre de Dudon de Saint-Quantin*. Tabularia, **Dossier : Écrire l’histoire au Moyen Âge**. Unicaen, 2005. Disponível em: <http://www.unicaen.fr/mrsh/craham/revue/tabularia>. Acessado em: 02/11/2012

### 1.3 Os problemas;

Dudon comete um equívoco ao demarcar a origem dos povos vikings, ou dos *danes* (dinamarqueses). Ele aponta como a região de origem a *Dacia* e os Balcãs, local que, segundo Van Houts, a historiografia romana aponta como sendo o território de outros povos como os jordanos.<sup>10</sup> A parte disso, Dudon cria um mito sobre aquele território centrado no abandono dos filhos pelos pais, pra que esses mesmos filhos tomassem outros territórios, que resultará em *Anstign*, ou o “mais vil de todos os homens vis”, como o autor chama, e consequentemente na invasão da França<sup>11</sup>:

[...]E arrebatando mulheres com baixeza única, fazendo com que dessa forma os homens gerem delas incontável prole imunda através da união sexual ilícita. Estes descendentes [...] selvagememente lutariam contra seus pais e avós e mais frequentemente contra eles mesmos, serão expulsos pelo destino- a multidão de todos que alcançaram a puberdade serão enviados juntos [...] para o reino das nações estrangeiras, para obter para eles mesmos através de batalhas reinos onde eles serão capazes de viver em paz duradoura, como fizeram por exemplo os Getae, Godos que pilharam quase toda a Europa e que agora nela residem[...]<sup>12</sup>

São necessárias algumas ressalvas importantes para compreender esses documentos que tratam do outro e também em relação à bibliografia sobre o tema: Em primeiro lugar, trata-se de um documento traduzido que, por razão de desconhecer a língua latina, se fez essa opção e que como todas as traduções, pode conter equívocos. O outro diz respeito à quantidade de exageros, estereótipos e excessos que, segundo Boyer, a visão estereotipada dos escandinavos por parte dos cristãos é resultado de um imaginário romântico dos “clérigos timotanos”:

[...] autores casi exclusivos de los anales o las crónicas que hemos conservado, primeras víctimas también de los saqueadores del norte- los que nos inducen al error al multiplicar las complacientes exageraciones y las relaciones patéticas. En realidad, sin hacer por supuesto del vikingo un modelo de dulzura y comportamiento pacífico, basta compararlo con sus contemporáneos concretos, sarracenos y húngaros, para tomar la medida de su pretendida <<barbarie>>[...]<sup>13</sup>

<sup>10</sup> VAN HOUTS, E. *The Normans In Europe*, Op. cit, p.15

<sup>11</sup> DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 8v - 12v = File(s) 2(L).

<sup>12</sup> IDEM. Ibidem. [...] ravishing very many women with singular baseness, by performing in this way, men beget from them countless filthy offspring through mingling in a union of unlawful sexual union. These offspring[...]savagely fighting against their fathers and their grandfathers or more often amongst themselves, are driven out by lot - the multitude of those reaching puberty having been brought together[...]into the realms of foreign nations to obtain for themselves in battle realms whereby they might be able to live in never-ending peace, as did, for instance, the Getae, Goths who pillaged almost all of Europe up to where they now reside [...]. Da tradução para o inglês.

<sup>13</sup> BOYER, R.. *La vida Cotidiana de Los Vikingos*. Espanha: El Barquero, 2000, p. 26.

[...]Autores quase exclusivos dos Anais ou das crônicas que conservamos, primeiras vítimas também dos saqueadores do norte- os que nos induzem ao erro de multiplicar os complacentes exageros e as relações patéticas. Na realidade, sem fazer do viking um modelo de doçura e comportamento pacífico,

A segunda questão é a etimologia das palavras para designar os povos do Norte da Europa. O termo mais utilizado pelos autores é o “*viking*”, porém esse termo “no designa necessariamente a qualquer escandinavo da la época considerada” e também “no existe <<raza>> escandinava”<sup>14</sup>. Compreende-se os escandinavos que saíram dos seus territórios com destino a outros locais na Europa como danes, noruegueses e suecos. Por mais que sejam associados a vikings ou a escandinavos, estes povos são diferentes entre si no que diz respeito à preferência de deuses, por exemplo:

[...]O dios preferido de los daneses fue certamente Odin, diós de los cargamentos y del comercio ( los observadores extranjeros lo identifican sin esfuerzo com Mercurio), pero también dios de la astucia, del engaño, de la cautela y de la victoria obtenida por ciencia estratégica o estratagema, incluso por traición o por magia[...] Los noruegos preferían a Thor, divinidad brutal y ruidosa[...] Em cuanto a los suecos, daban, sin ningún género de duda, preferencia a Freyr, encarnación por excelencia de la fecundidad-fertilidad.<sup>15</sup>

Também se diferenciam em comportamento e em organização: os danes atuam em pequenos grupos e estão subordinados a um chefe, enquanto os noruegueses são mais desorganizados e esparsos, os suecos mais pacíficos. Mas há alguns elementos que está presente igualmente nos três, alguns denominadores comuns: a) o pertencimento à uma família e se reconhecendo apenas assim e não como indivíduo ou “individual” b) unidades territoriais delimitadas, onde abrigam um conjunto de famílias unidas por questões políticas, econômicas, militares e/ou religiosas cujas decisões são tomadas por meio de assembleias e votos unânimes e c) são todos falantes da mesma língua ou do “normânico” antigo, do germânico antigo ou islandês.<sup>16</sup>

---

basta comparar-los aos seus contemporâneos concretos, sarracenos e húngaros para tomar a medida de sua suposta <<barbárie>>[...]. Tradução minha.

<sup>14</sup>IDEM, Ibidem, p. 32

<sup>15</sup> IDEM. Ibidem.p. 28”[...]O deus preferido dos dinamarqueses era Odin, deus das cargas e do comércio (os estrangeiros observam e identificam sem esforço com Mercurio), mas também deus da astúcia, do engano e da vitória obtida por ciência estratégica ou estratagema, inclusive por traição ou por magia[...] Os noruegueses preferiam Thor, divindade brutal e ruidosa. Enquanto os suecos davam, sem dúvida, preferência a Freyr, encarnação definitiva da fecundação-fertilidade”. Tradução minha.

<sup>16</sup>IDEM, Ibidem, p.33.

#### 1.4 O ano 1000.

Compreender o ano 1000 como um momento de inseguranças para a sociedade medieval é fundamental para compreender a forma com que Dudon escreve pois, mesmo retrocedendo no tempo para contar a História da Normandia, faz parte da sua sociedade contemporânea, e como agente ativo dela, compartilhava medos e aflições.

Apesar da sociedade medieval do ano 1000 ainda não conhecer as mazelas acarretadas pelo individualismo como nas sociedades modernas e, por conseguinte, ser uma sociedade gregária, sofria as moléstias de seu tempo marcado por medos e aflições. Fazia pouco tempo que os saqueadores – normandos, inclusive – tinham devastado a França, por exemplo, e que desastres naturais tinham acabado com plantações, sendo a agricultura o principal sustento desse povo. Por isso o homem medieval vivia com medo: de novos saqueadores, de doenças, de desastres naturais e etc. Como aponta Georges Duby:

[...]Repito: o homem medieval estava num estado de fraqueza extrema perante as forças da natureza, vivia numa privação material comparável àquela dos povos mais pobres da África negra contemporânea. A vida era rude e dolorosa para a maioria das pessoas. Estas tinham, portanto, a esperança de que, passando um período de provocações terríveis, a humanidade se dirigiria seja para o paraíso, seja para esse mundo, livre do mal, que deveria instaurar-se após a chegada do Anticristo[...] <sup>17</sup>

Além dos medos, da pobreza e das mazelas a que essas pessoas eram submetidas, havia um sentimento de esperança, ao mesmo tempo que o do terror, graças ao milenarismo. Os homens naquele tempo pensavam que seu sofrimento poderia chegar ao fim, como uma espécie de provação, com a chegada do Anticristo.

Entre os medos mais comuns desse período podemos destacar: o medo da miséria, o medo do outro, o medo das epidemias, o medo da violência, o medo do além. Sobre o medo do outro, é importante ressaltar que no ano 1000 o homem medieval ainda tinha arraigado o medo devido à lembrança vívida das invasões anteriores:

[...]Era uma realidade ainda mais opressora porque, pouco antes, a Europa tinha sofrido as invasões de hordas saqueadoras: primeiro, os *vikings*, que vinham do norte; em seguida, os húngaros, depois os mouros. A lembrança dessas invasões não se perdera e temiam-se novos ataques. No ano 1000, piratas escandinavos ainda desembarcam e vêm sequestrar princesas à beira do Atlântico, na Aquitânia. O perigo não existe mais, mas dele se guarda a memória; por isso a inquietação.[...] <sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP: 1998, p. 20

<sup>18</sup> IDEM, *Ibidem*, p.57

Portanto, era uma sociedade fragilizada, marcada por um tempo de dúvidas, incertezas, privações e medo. No momento em que Dudon escreve, as invasões normandas já tinham ocorrido e já tinham devastado territórios, e instaurado o medo na população. Como se analisará a seguir, *Rollo* será o duque que conterá os avanços de *Anstign* e seus guerreiros, e de certa forma, será o homem que Dudon vê como o responsável por instaurar a paz e a tranquilidade, pelo menos no que diz respeito as invasões. Ele teria o perfil heroico que uma sociedade tão carente de recursos precisaria pra diminuir seu sofrimento diante das adversidades de seu tempo. Claro que Rollo não traria todas as soluções para os problemas sociais do ano 1000, apenas ajuda a conter que esses problemas não se tornem ainda mais insustentáveis caso o avanço dos guerreiros e saqueadores escandinavos não cessassem. Dudon, no ano 1000, quando redige seus relatos, está preocupado com estas questões e *Rollo* não teria um relato tão glorificado se ele não assumisse o papel de salvar uma sociedade já bastante indefesa.

## 2- As relações entre paganismo e cristianismo

### 2.1- contextualização:

Os povos oriundos da Escandinávia não eram completamente estranhos para os que habitavam as regiões mais centrais da Europa, pois percorriam o território em busca de riquezas, seja pelo saque ou pelo comércio à bastante tempo e eventualmente era contratados como mercenários. Mas a partir dos anos 800 é que as incursões tornam-se mais constantes e preocupantes para a população europeia. As primeiras delas, entre o anos 800 e 850 não são organizadas e articuladas, não passando de saques e pilhagens a mosteiros, abadias, igrejas e cidades sem proteção<sup>19</sup>. Segundo Georges Duby esses saques e pilhagens de ouro, relicários e metais preciosos, impulsionaram uma importante rede de comércio entre os povos na Idade Média, além de movimentar a economia monetária através da circulação do ouro e da prata oriundo das igrejas:

[...]Durante a má estação esses invasores instalaram-se permanentemente, construíram um acampamento na foz do rio, e aí hibernavam. Esse acampamento transformava-se num mercado. Os períodos de agressividade e os de negociação se alternavam. Essas invasões provocaram, assim, a extensão das relações comerciais entre o Báltico e os países do mar do Norte. Os normandos traziam couros, peles preciosas, escravos também, provavelmente. E os franceses vendiam-lhes vinho [...].<sup>20</sup>

É a fase de pequenos golpes esparsos que amedrontam a população, mas não tanto quanto a fase seguinte, entre 850 a 900. Segundo Boyer, esta é a mais importante das fases, quando os escandinavos estavam mais organizados, preparados, determinados e instauraram uma “guerra psicológica”<sup>21</sup>. Como afirma Jean Favier é o momento no qual o navio mercante muda e passa a ser um navio de guerra, um *dracar*:

Os navios mudaram, são mais leves, deslizam mais rapidamente na crista das ondas, são mais delgados: dez, vinte ou trinta metros de comprimento, três ou quatro de largura. As altas volutas em forma de serpente ou de dragão que ornamentam a proa logo se afiguram como símbolos belicosos, quando os construtores certamente não tinham essa intenção (...). Quanto aos navegadores, agora se apresentam com uma longa espada de dois gumes, o punhal e o machado de guerra. Usam a cota de malhas com anéis encadeados, o capacete cônico e o escudo. A população do litoral

<sup>19</sup> BOYER, Regis; *La vida cotidiana de los vikingos (800-1050)*. Op. cit. p. 23.

<sup>20</sup> DUBY, Georges; *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos*. Op. cit. p. 54-55

<sup>21</sup> IDEM, Ibidem.

já não vê mais neles os fornecedores de produtos nórdicos. Trata-se na verdade de saqueadores.<sup>22</sup>

O povo escandinavo, ao contrário do que se pensa, não é um povo necessariamente guerreiro. A prática da guerra está associada a outras funções como a de fazer comércio, de pertencer ao campo ou ser ferreiro e etc., da mesma forma que ocorre em diversos outros povos<sup>23</sup>. Como afirma Marc Bloch “Estes Vikings, que os campos de pilhagem do Ocidente atraíam, pertenciam a um povo de camponeses, de ferreiros, de escultores em madeiras e de comerciantes, tal como de guerreiros”<sup>24</sup> O seu principal diferencial é o saque, a pilhagem e a guerra psicológica, fazendo com que se pague tributos para que eles vão embora, já que não se tem defesa para barrar sua entrada e seus estragos. É dessa forma que se instaura o sistema de pagamento de tributos, ou o *Danegeld*:

[...]Sim embargo, esta segunda fase es capital. Em primer lugar porque se instaura progressivamente el sistema de los danegelds (<<pagamento aos dinamarqueses>>) es decir, ese tributo cuyo montante no dejará de crecer, que reclamaban los vikingos para reembarcarse, a reyes pusilánimes e incapaces como el inglés Etelredo II e los Carlos franceses- el Gordo, y después el Simple- que, a largo plazo, hará bascular el sistema económico de Occidente.<sup>25</sup>

O pagamento de tributos revelou-se uma prática constante, já que os soberanos habituaram-se a essas práticas. Mas uma pergunta é pertinente: por que não lutar contra o inimigo?

Para Dominique Barthélemy, era muito perigoso armar os camponeses sob o risco de os mesmos se emanciparem. Carlos, o Calvo, em 862, ordena que as fortificações públicas, feitas de galhos e terra, deveriam ser retiradas dos entornos da bacia do Sena, sendo preferível pagar o tributo, “se abrir para o nobre, para o chefe adversário, em vez de deixar seu próprio servo se emancipar e não mais se distinguir dele”<sup>26</sup>. Barthélemy enfatiza que a posição dos nobres neste contexto está vinculada ao esquema ideológico carolíngio das três ordens. Pensando em 875, e nesse sistema, o que faz a guerra é diferente do que cultiva a terra e é diferente dos que

<sup>22</sup> FAVIER, J. *Carlos Magno*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p.523-524

<sup>23</sup> Ver capítulo 1 deste trabalho.

<sup>24</sup> BLOCH, M. *A sociedade feudal*.: Lisboa: Edições 70, 1982 p.41

<sup>25</sup>BOYER, R. *op. cit.* p.24 “Contudo, esta segunda fase é fundamental. Em primeiro lugar porque se instaura progressivamente o sistema do *Danegelds* (<<pagamento aos dinamarqueses>>) ou seja, esse tributo cujo montante não deixará de crescer, que reivindicavam os vikings para reembarcar, a reis pusilánimes e incapazes como o Inglês Etereldo II e os Carlos franceses- o Gordo, e depois o Simples- que a longo prazo, irá balançar o sistema econômico do Ocidente.” Tradução minha.

<sup>26</sup> BARTHÉLEMI, D. *A cavalaria. Da Germânia Antiga à França do Século XII*. São Paulo: Unicamp, 2000, p. 134.

“lutam contra os demônios”<sup>27</sup>. Apesar de a guerra ser algo evitado, alguns condes enfrentam as incursões escandinavas em defesa de seus domínios, reafirmando um caráter heroico que a nobreza precisava reforçar de tempos em tempos.

Já foi dito que os povos escandinavos eram ávidos por riquezas e que os mesmos detinham a prática para adquirí-la ao longo dos tempos. Também foi dito que esta prática sempre deu certo. Perguntamos, então: por que nesse período específico os homens do norte resolveram “guerrear”? Por que seu comportamento de repente mudou?

Além do fator econômico – da fama das riquezas da Nêustria – sempre presente, há um provável fator político, como aponta Jean Favier, com a ascensão do rei Godofredo na Dinamarca, que é hostil ao reino franco pois considera que a Saxônia e a Frísia pertencem ao seu reino e não ao reino franco:

[...] Não devemos subestimar um fator político: a ascensão, na Dinamarca, do rei Godofredo, um chefe ambicioso que se preocupa com o avanço dos francos na Saxônia e que imediatamente passa a hostilizar o reino franco, tratando-o com desprezo. Em 808, Godofredo obriga os abodritos, aliados dos francos, a pagar-lhe um tributo. O imperador franco entende isso como uma ofensa, e Godofredo não esconde sua ambição: apossar-se da Germânia. Ele considera a Frísia e a Saxônia como províncias do seu reino e pretende reconquistá-las [...] Desta vez as motivações são políticas e não econômicas, mas sim de uma guerra que se anuncia.  
28

As investidas contra os francos e, conseqüentemente, o aumento da atividade da pirataria, seja nas regiões da Frísia e na da Saxônia, ou na própria Nêustria, seria, para o autor, uma forma de intimidação, vingança e descontentamento por parte dos dinamarqueses, obrigando os francos a construir navios de guerra. As tensões se amenizam com a morte de Godofredo e com o relacionamento mais amistoso com o rei posterior da Dinamarca, Hemming.

## 2.2 A tensão entre cristãos e pagãos na fonte;

### 2.2.1 Anstign;

---

<sup>27</sup> BARTHÉLEMI, D. *A cavalaria. Da Germânia Antiga à França do Século XII*. Op. cit.p.135.

<sup>28</sup> FAVIER, J. *Carlos Magno*. Op. Cit, p. 524

É neste contexto que Dudon de Saint Quentin descreve as incursões escandinavas ou invasões normandas. Como os autores citados anteriormente demonstram, era um cenário marcado por tensões decorrentes de várias esferas e atuando de várias maneiras.

As tensões entre pagãos e cristãos podem ser analisadas através de dois personagens: *Anstign* e *Rollo*. O que liga esses dois personagens, o líder guerreiro e o primeiro duque da Normandia é obviamente, o local de suas origens, a *Dacia*<sup>29</sup>. Para Dudon de Saint Quentin, segundo o mito de Dacia, neste local geravam-se filhos através da promiscuidade, da impureza, de relacionamentos poligâmicos que gerariam descendentes problemáticos, lutando entre eles mesmos, com os pais e avós, sendo expulsos de suas terras quando jovens para pilharem ou se estabelecerem em outros lugares da Europa:

Exilados, eles são banidos para caçar, lutar. Eles são empurrados para fora de suas casas, para se juntar com outros em terras estrangeiras [...] A ferocidade dos jovens é despertada com o propósito de demolir nações.[...]Outras províncias sofrerão muito, perversamente envenenadas por muitos inimigos. Consequentemente, eles pilharão todos os lugares que se colocarão contra eles.<sup>30</sup>

Na *Dacia*, eles faziam sacrifícios humanos a Thor: “Eles não iriam propiciar a ele um sacrifício de algum gado ou ovelha, ou vinho ou grão, mas eles sacrificariam sangue humano, julgando ser o mais precioso de todos os sacrifícios”.<sup>31</sup>

*Anstign*, é fruto deste local e é expulso da *Dacia* pelos motivos supracitados. Como tal, é um homem mal, vil, impulsionado por instintos cruéis. E é desta forma bastante característica que Dudon descreve o “homem mais vil de todos os homens vis”:

[...] Extremamente cruel e obstinado, destrutivo, problemático, selvagem, feroz, infame, destrutivo e inconstante, ousado, vaidoso e sem lei, letal, rude, em todo lugar de guarda, rebelde e traidor e causador do mal, este hipócrita duas- caras e ímpio, arrogante, sedutor e temerário[...]<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Como visto no Capítulo 1, apontado por Elisabeth Van Houts, o autor da fonte equivoca-se ao definir a *Dacia* como sendo o local de origem do povo dinamarquês, ou dos *danes*.

<sup>30</sup> DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 8v - 12v = File(s) 2(L). “Exiled, they are banished, to hunt, battling. They are thrust out from their own homes, to partake with those born in foreign lands[...]The fierceness of the youths is aroused for the purpose of demolishing nations. Other provinces suffer greatly, vilely poisoned by so numerous an enemy. Thus do they pillage all the places which stand against them [...].” Da tradução para o inglês.

<sup>31</sup> IDEM, Ibidem. They would not propitiate him by some offering of cattle or sheep or wine or grain, but they would sacrifice human blood, reckoning it the most precious of all offerings[...].” Da tradução para o inglês.

<sup>32</sup> IDEM, Ibidem, « [...]extremely cruel and harsh, destructive, troublesome, wild, ferocious, infamous, destructive and inconstant, brash, conceited and lawless, death-dealing, rude, everywhere on guard, rebellious traitor and kindler of evil, this double-faced hypocrite and ungodly, arrogant, seductive and foolhardy[...].” Da tradução para o inglês.

Ora, *Anstign* não poderia ser bom para um homem da igreja já que o mesmo é responsável por inúmeros saques em igrejas, mosteiros e abadias, sem poupar inclusive, a abadia de Saint Quentin. É responsável por criar um cenário de pânico e destruição na França, sequestrando mulheres, matando padres e bispos e reduzindo “todo ser humano em um valor comercial”.<sup>33</sup> O cenário deixado por *Anstign* na França por seus guerreiros é desolador:

[...][Com intensa maldade, França é abandonada, quase esvaziada. Ela lamenta, destituída de vinho ou grãos, dos quais ela foi muito bem dotada uma vez. Ela lamenta que foi abandonada por seus moradores e privadas de seus camponeses[...].Ela chora, a terra cresce indiferente, descansando, não trabalhada pelo esforço dos bois. As vias de acesso não são sequer reconhecidas, arrasadas pelas pegadas dos homens[...].<sup>34</sup>

As maldades do feroz guerreiro da *Dacia* não se limitariam à França. Depois de a terem destruído, partiram para pilhar e saquear a cidade de Roma. Chegando lá, os guerreiros liderados por *Anstign*, chegam à conclusão de que não tomariam a cidade por armas, tomariam através de um golpe. *Anstign* pede pra ser batizado e para se tornar cristão, a fim de se fazer um acordo de paz com os cristãos e, claro, mostrando a benevolência, os mesmos aceitam de bom grado. Nesse momento do relato é comum que Dudon use as expressões “os pagãos traidores e os Cristãos”<sup>35</sup> e se referir não mais aos mesmos como “guerreiros”, “*dacians*”, mas apenas como “pagão”, em contraste com o “Cristão. Mostrando então a benevolência dos cristãos, é feito o batismo de *Anstign*.

[...]Traidor, ele entra na fonte, que limpa apenas o seu corpo. Ímpio, ele recebeu o batismo, para a destruição de sua alma. Ele recebeu o sacrossanto batismo pelo bispo e pelo conde. Ungido com o santo crisma e óleo, ele é escoltado como se ele estivesse doente. Ele não está mal fisicamente, mas um miserável mentalmente doente pela busca da traição[...].<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup>DUDON de Saint Quentin. Folios 8v - 12v = File(s) 2(L).. “[...]They reduce every living being to a cash value[...].” Da tradução para o inglês.

<sup>34</sup>IDEM, Ibidem “[...]As evil rages, Francia is foresaken, nearly emptied. It mourns, destitute of wine or grain, in which it had once been extremely richly endowed. It moans that it has been abandoned by its residents and deprived of its farmers[...].The earth grows listless by resting, not worked by the exertion of oxen. The thoroughfares are not even recognized, not beaten down by the footsteps of men[...].” Da tradução para o inglês.

<sup>35</sup>IDEM. Ibidem. “the treasonous pagans”. Da tradução para o inglês.

<sup>36</sup>. IDEM, Ibidem “[...]Treasonous, he enters the font, which cleanses only his body. Impious, he has received baptism, to the destruction of his soul. He is received from sacrosanct baptism by the bishop and the count. Anointed with sacred chrism and oil, he is escorted as though he were sick. He is not physically ill, but a wretch mentally diseased through the pursuit of treachery[...].” Da tradução para o inglês.

*Anstign* finge estar doente já que forjará a sua própria morte. Pede a um de seus guerreiros que diga ao bispo que faleceu durante a noite e que necessita ser enterrado. Mais uma vez os cristãos atendem ao pedido dos pagãos e organizam o funeral do guerreiro supostamente morto. No funeral de *Anstign*, Dudon mostra uma união e uma integração entre os pagãos e os cristãos, que no final serão massacrados, já que o suposto morto sai do seu esquife com a espada na mão, iniciando um massacre:

[...]E o clero vem, vestido em roupas religiosas. Da mesma forma que os dirigentes da cidade, serão coroados com o martírio. O sexo feminino está presente, para ser escoltado para o exílio. Logo mais eles passarão a conhecer aquele monstro colocado no caixão. Estudantes carregam castiçais e cruces antecedendo os mais velhos. *Anstign*, colocado vivo dentro do caixão, é carregado pelos pagãos[...] Ele é carregado por ambos os povos, para o mosteiro onde o túmulo havia sido preparado para ele. O bispo se prepara para celebrar uma missa para seu afilhado[...] Então *Anstign* salta para fora do caixão e pega sua espada reluzente da bainha[...] ele está matando o abade e tendo matado o conde, o clero estará indefeso na igreja também. Os pagão bloqueiam as portas do santuário, de modo que ninguém possa escapar[...] Mulheres sufocam o gemido em seus corações e derramam lágrimas inúteis[...] O último dia de vida recai sobre todos eles e para todos, seus tempos de vida são breves e irrecuperáveis[...]<sup>37</sup>

Esse é, em resumo, a maneira com que Dudon vê os guerreiros vindos da *Dacia*, os pagãos, os estrangeiros, etc. No final dessa sessão, na parte reservada para o poema, Dudon anunciará que depois de outras invasões como essa, a França estará em paz através de uma aliança e é nesse momento que a figura de *Rollo* se fará presente.

---

<sup>37</sup> DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 8v - 12v = File(s) 2(L). “[...]And the clergy comes, clad in religious garments. Likewise the leaders of that town, who are to be crowned by martyrdom. The feminine sex is present, to be escorted into exile. Of one mind they proceed to meet that monster placed on the bier. Schoolboys carry candlesticks and crosses, preceding their elders. *Anstign*, placed live on the bier, is carried by the pagans[...]He is carried, by both peoples, to the monastery where the tomb had been prepared for him. The bishop prepares himself to celebrate a mass for his godson[...]. Then *Anstign* has jumped down from the bier and snatched his flashing sword from its sheath. He is slaughtering the prelate and, having overthrown the count, the clergy standing defenseless in the church as well [...]Women stifle the groan in their hearts and pour out useless tears[...]The last day of life befalls them all, and for all of them this lifetime is brief and irretrievable[...]. Da tradução para o inglês.

### 2.2.2 Rollo

*Rollo* aparece na fonte como filho de homem rico, forte e “que nunca curvou sua nuca para nenhum rei”<sup>38</sup>, que tinha uma relativa autonomia sobre suas terras, entre a costa da *Dacia* e da *Alania*- então ele não é em *strictu sensu* um morador da mesma *Dacia* que *Anstign*, para Dudon. Esse homem, anônimo na fonte, possui “excesso de todas as virtudes”<sup>39</sup> e está sempre cercado de guerreiros. O pai de *Rollo* e *Gurim* morre, deixando os filhos como líderes de suas terras. Eis a primeira grande diferença entre *Rollo* e *Anstign*: *Rollo* tem uma família, e seu pai é para Dudon um homem honrado.

A descrição de *Rollo*, não propicia muitos detalhes, mas mostra a distinção mesmo que tímida dos outros *dacians*, dizendo que ele e o irmão eram jovens eficazes com as armas, experientes na guerra e de espírito resistente, características que herdaram do pai.<sup>40</sup> Na sequência da fonte, *Rollo* promete a jovens banidos da *Dacia* abrigo e auxílio e que os ajudaria a recuperar suas casas. O rei da *Dacia* sabendo disso inicia uma guerra contra *Rollo* e *Gurim*, destruindo todo o território que os irmãos ocupavam. Inclusive, antes de destruir por completo a região, o rei da *Dacia*, anônimo, faz um acordo de paz com *Rollo* que é quebrado, para salientar mais uma vez o espírito traiçoeiro desse povo. Tendo o irmão mutilado durante as várias investidas do rei contra o povo fronteiriço de *Rollo*, são obrigados a fugir dali, junto com companheiros para a *Scania*.

A segunda constatação capital para as diferenças de narrativa entre o *Rollo* e *Anstign* é: além de *Rollo* ser diferente do povo da *Dacia*, possuir uma família honrada e ainda se volta contra o rei para proteger quem lhe pediu ajuda, rei esse que é fruto da então *Dacia* estereotipada e personificada por *Anstign*.

Na *Scania*, durante o sono, *Rollo* tem a visão de que ele estaria leproso e sua doença se curaria em uma fonte, nas montanhas da França, e seu sonho seria descrito por Dudon dessa forma:

---

<sup>38</sup>DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 14v - 17r = File(s) 5(L). “A man who never lowered the nape of his neck before any king”. Da tradução para o inglês.

<sup>39</sup>IDEM.Ibidem. “Surplus of all the virtues”. Da tradução para o inglês.

<sup>40</sup>IDEM.Ibidem.

[...]Ele viu a si mesmo numa montanha, mas elevada do que a mais eminente habitação franca. E uma límpida e perfumada fonte do pico da montanha, e ele, poluído pela infecção e comichão da lepra, sendo lavado e purificado por ela [...].<sup>41</sup>

Um escravo cristianizado, ouvindo Rollo contar a respeito do seu sonho, diz que esse sonho é um sinal, ou um chamado de deus para o batismo e que só ele o livraria dos pecados, representados pela lepra. “É comum que a conversão ao cristianismo esteja ligado a um sonho, ou a uma visão”<sup>42</sup>:

[...]“A montanha da França, aonde você parecia estar, representa a Igreja daquela terra. A fonte, que estava no topo daquela montanha pode significar o renascer pelo batismo. Pela lepra e pela coceira, você pode compreender como os atos malditos e os pecados da sua própria execução, pelos quais você está corrompido[...]”<sup>43</sup>

Essa é mais importante das diferenças entre *Rollo* e *Anstign*: a cristianização. De fato *Rollo* se cristianiza e seu nome muda para Robert, se tornando o primeiro duque Normandia, por volta do ano 1000, deixando de ser um guerreiro viking, um *danes*, ou um escandinavo já que “el vikingo deja de merecer ese nombre a partir del momento em que se bautiza”.<sup>44</sup>

Uma última questão que se coloca é o porquê dessa cristianização para os escandinavos ser, de certa maneira, fácil e sem resistência. Sobre a cristianização de Rollo, Georges Duby diz:

[...]É preciso ver bem o que era a cristandade no ano 1000. Era um conjunto de gestos, rituais, de cerimônias. O batismo de Rollon é nitidamente um ato político tal como reivindicar hoje a nacionalidade francesa. Tratava-se de uma formalidade e podemos pensar que, no fundo de seu coração, Rollon sempre venerou os deuses do panteão escandinavo, aos quais acrescentou uma outra divindade que poderia ser-lhe útil[...]”<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 14v - 17r = File(s) 5(L). “[...]he kept seeming to see himself placed on a certain mountain, loftier even than the most eminent ones of Frankish habitation, and a limpid and fragrant fountain at the apex of that mountain, and himself, polluted by the infection and itching of leprosy, being washed in it and being purified by it.[...]”

<sup>42</sup> LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994. p. 299.

<sup>43</sup> DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 17v - 19r = File(s) 7(L). “The mountain of Francia, on which you kept seeming to stand, represents the Church of that land. The fountain, which was at the summit of the mountain, is explained as the baptism of rebirth. Through the leprosy and the itching, you are to understand the accursed deeds and sins of your own perpetration, by which you were corrupted.” Da tradução em inglês.

<sup>44</sup> BOYER, R. *La vida cotidiana de los vikingos*. Op. cit. p. 27.

<sup>45</sup> DUBY, G. *Ano 1000 ano 2000 na pista de nossos medos*. Op.cit p.58

E sobre o comportamento do homem normando no que diz respeito à incorporação na sociedade cristã, Duby acrescenta:

[...]Os normandos queriam participar plenamente da civilização do país do qual se instalavam, mas sem deixar de cobiçar os saques. Da Normandia, em seguida partiram guerreiros para a conquista do sul da Itália e da Sicília. Mais tarde, conquistaram a Inglaterra. Desses países, trouxeram riquezas que permitiriam edificar essas obras-primas da arquitetura romana que são Saint-Étienne de Caen ou Saint- Georges-de-Boscherville. Esse espírito de aventura contribuiu muito para unificar a civilização europeia[...].A primeira maneira de integrar-se é tornar-se cristão[...].<sup>46</sup>

Pode-se notar que as tensões entre pagãos e cristãos estavam presentes na obra de Dudon, personificadas por *Anstign* e *Rollo*. Os pagãos escandinavos, impulsionados não mais por questões apenas econômicas, mas também por questões políticas, destroem o que para Dudon era de suma importância: as igrejas, mosteiros e abadias. Não sendo o saque e pilhagem apenas suficiente, *Anstign*, a personificação de todos os males pagãos, afronta os bispos forjando seu batismo, mostrando para eles que tal ato, fundamental para os cristãos, não importava nada, a ponto de ser usado como armadilha. Os cristãos, ao contrário, são bons e piedosos. Acolhem o guerreiro *Anstign* e dão a ele todo o cerimonial religioso que um cristão merece. Portanto, como visto, *Anstign* representa o que o pagão tinha de pior e *Rollo*, o que o pagão poderia oferecer de melhor, mesmo que o ato de cristianizar-se seja meramente político. *Rollo* se livraria da lepra que o consumia, *Anstign* estaria tomado por ela.

---

<sup>46</sup> IDEM. Ibidem. p.56

### 3- O medo do mar e o imaginário

#### 3.1 o mar para os escandinavos:

Parece óbvio apontar o quão importante era o mar para os povos escandinavos e para os povos mercantes, como um todo. Se os escandinavos tinham medo do mar é difícil saber, mas que esse medo não significava um impedimento, isso é certo. Como já dito anteriormente, a divindade preferida dos dinamarqueses, ou dos danes, era Odin, uma figura ligada intimamente às cargas, aos barcos, às águas e etc. Não só para comércio, mas também como meio de transportes já que viviam em locais rodeados pela água:

[...] No se pode dudar que el barco desempeñó un papel fundamental o tuvo un lugar preponderante en el universo físico e mental del escandinavo desde siempre. Una ojeada lanzada a un mapa convence de la omnipresencia del agua (mar, lagos, ríos, fiordes, Ciénegas, etc.) en esas latitudes, y por lo tanto de la necesidad absoluta de un medio de transporte que venza ese obstáculo[...]<sup>47</sup>

“El vikingo es en primer lugar su barco”<sup>48</sup> mesmo sendo de tempos em tempos e não sendo a vida a bordo algo sempre fácil e agradável. As longas travessias eram menos recorrentes e o que acontecia com frequência era o ataque pela costa de uma ilha, por exemplo, de forma “escondida”, enquanto a defesa do local estava vulnerável devido a alguma festividade ou comemoração. Eles desciam com os cavalos que eram transportados nestes mesmos barcos, e pegavam o que lhes parecia interessante. Ao fim, se incendiava o local, dando a margem de tempo necessária para que os mesmos chegassem até o barco sem sofrerem algum ataque.<sup>49</sup> Mas além da finalidade bélica, o barco era usado pra pescar, caçar animais selvagens distantes de casa, mas principalmente, como meio de locomover-se, como citado acima.

Ressalta-se também, que o escandinavo não conhecia bússola e para se localizar usava as lições que eram passadas através da história oral, sobre as costas, as ilhas, as rotas e os continentes:

---

<sup>47</sup> BOYER, R. *La Vida Cotidiana de los vikingos. Op. cit.* p.106 [...]Não se pode duvidar que o barco desempenho um papel fundamental ou teve um lugar preponderante no universe físico e mental do escandinavo, desde sempre. Uma olhada lançada a um mapa constata a onipresença da água (mar, lagos, rios, fiordes, pântanos, etc) nestas latitudes, e portanto a necessidade absoluta de um meio de transporte que vença este obstáculo [...]. Tradução minha.

<sup>48</sup> IDEM, *Ibidem*, p.108

<sup>49</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 118

[...]Un conocimiento perfecto de los vientos, de las corrientes, de los desplazamientos de los barcos de peces o del vuelo de los pájaros, basado todo en una tradición oral sólida, puede haber desempeñado también un papel importante. [...] Los itinerarios seguidos por los vikingos eran conocidos por ellos y sus antepasados desde hacia mocho tiempo [...] Todo hace pensar también que los escandinavos tenían buenos conocimientos astronómicos y una ciencia segura de la configuración de las costas [...]<sup>50</sup>

Tendo um ótimo domínio dos barcos e dos mares, não fica difícil de compreender porque os normandos, na Sicília, estabeleceram um controle régio dos mares e uma talassocracia de Estado.<sup>51</sup>

### 3.2 O mar para Dudon de Saint Quentin:

Na fonte *Gesta Normannorum* o barco normando e o mar estão associados a um cenário de destruição e de desalento já que ele é sempre mencionado depois dos saques e pilhagens: o normando pilha, rouba e saqueia e ao fim disso leva tudo para o barco:

[...]A província inteira é atacada e derrotada pelo mais vil dos inimigos. A maior das carnificinas está para passar, cativos são levados aos navios. Pela espada e pelo fogo eles destroem tudo que existe em suas presenças. Depois de ter completado tudo, eles enchem seus navios com escravos e estragos. Agora eles viram a proa para o recém nascido reino fraco. Eles atravessam o mar com a vela voando, retornando ao reino da França [...].<sup>52</sup>

Em toda a fonte lida, Dudon deixa claro que o barco é algo distante do mundo franco, pertence ao nórdico e está intimamente associado aos seus habitantes. “Os francos são guerreiros, não marinheiros”<sup>53</sup>, salienta Jean Favier e na própria fonte Dudon relata uma fala do rei franco, incentivando que não se lute com estes homens, nem por terra, nem por mar:

---

<sup>50</sup> BOYER, R. *La Vida Cotidiana de los vikingos*. Op. cit. p. 116[...]Um conhecimento perfeito dos ventos, das correntes, do deslocamento dos barcos de pesca ou do voo dos pássaros, tudo baseado em uma tradição oral sólida, pode haver desempenhado também um papel importante.[...] Os itinerários seguidos pelos vikings eram conhecidos por eles e seus antepassados desde muito tempo [...]. Tudo faz pensar também que os escandinavos tinham bons conhecimentos astronômicos e uma ciência segura da configuração das costas[...]. Tradução minha.

<sup>51</sup> BRESC, HENRI. *Mar*. IN: LE GOFF, J. *Dicionário temático do ocidente medieval*. v.2 São Paulo: Edusc, 2002p. 99

<sup>52</sup> DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 8v - 12v = File(s) 2(L).

“[...]The whole province is attacked, and vanquished by a most vile enemy. The greatest possible carnage is brought to pass, captives are led to the ships. By sword and fire they ravage everything which has been in their presence. Once these things are completed, they load the ships with captives and spoil. Now they turn the prows to lead them to the realm of the Frankish-born nation. They traverse the sail-winged sea, returning to the realm of Francia[...]”. Da tradução para o inglês.

<sup>53</sup> FAVIER, J. *Carlos Magno*. Op. cit. p. 525

[...]“Começar uma guerra contra eles para mim, não parece sensato. Se por ventura você for adiante e tentar competir com eles, oh! ou você vai morrer ou eles, extremamente rápidos vão retornar aos seus navios, tendo escapados em voo. Deixe a paz duradoura ser procurada por esses homens ímpios, que a terra possa descansar em nosso tempo.” Esta medida revelada pela boca do rei foi realmente muito agradável a todos[...]<sup>54</sup>

Mas o que será mais marcante nesta questão do mar é o que acontecerá com *Rollo*. Após Dudon ter descrito sua visão de que com lepra, precisa chegar ao as fontes límpidas da França, *Rollo* recebe uma pedido do rei Inglaterra a fim de consolidar uma aliança. *Rollo* muito sensibilizado com o sonho que teve, envia uma resposta dizendo que é muito grato à Inglaterra e que partirá para lá antes de ir para a França e promete fiel amizade ao rei e não saqueará as terras inglesas.

O extraordinário acontecerá a seguir: durante a viagem em direção à França, os céus que estavam claros escureceram, os ventos que estavam calmos transformavam-se em ventania. Iniciou-se uma tempestade em meio ao mar que estava prestes a matar *Rollo* e seus companheiros:

[...]Espíritos invejosos, sabendo que aqueles homens serão purificados pelo batismo em nome de Cristo e lamentando que estes homens irão adquirir a glória que eles perderam[...] de fato estão correndo de suas próprias casas, acordando os ventos perigosos, levantando grandes ondas para o buraco profundo, tão alto quanto as estrelas para cair no precipício. O céu ressoou com mais relâmpagos e uma noite escura de densas sombras desceu sobre eles. Com os remos rachados, as velas não são capazes de suportar o frenesi das ondas. Os navios se movem para lá e para cá de cá para lá através das montanhas e vales. E eles ameaçam a todos com a morte súbita [...].<sup>55</sup>

Então, diante de sua morte iminente, Rollon reza. Pede para que o senhor dos céus acalme o mar, pois ele se tornará Cristão em breve. E as súplicas dessas orações deixaram o mar calmo e deram fim a tempestade.

Ó deus onipotente enchendo os céus com luz,  
 Você que ocupa o céu e a terra por toda a eternidade  
 E cujo divino irá compassar todas as coisas no giro eterno  
 Você que, através do presente de uma visão

<sup>54</sup> DUDON de Saint Quentin. *op. cit.* Folios 12v - 13r = File(s) 3(L).

“To commence a war against them does not, to me, seem wise. If you perchance go forth to contend with them, oh!, either you will die or they, extremely swift, will return to their ships, having slipped away in flight.” Let a lasting peace be procured from these ungodly men, that the land may rest in our time.” This measure revealed by the king's mouth was indeed very pleasing to all.” Da tradução para o inglês.

<sup>55</sup> IDEM. Ibidem. 19r - 19v = File(s) 8(L).

“[...]Envious spirits, knowing that those men were to be cleansed by baptism in the name of Christ and groaning that the men were to acquire the glory which they themselves had lost [...]. Awakening the wind's dangers and are lifting up great billows from the gaping deep, from the lowest depths up to the stars and down again into the precipice. The sky has resounded with ever more frequent flashes and a black night of thick shadows has lied down over them. The ships move to and fro, hither and thither as if through mountains and valleys. And they threaten everyone with sudden death.” Da tradução para o inglês.

Desejou que eu, problemático, tomado pelos vícios dos pecados e das impurezas  
 Me tornar um Cristão no pequeno curso do tempo futuro  
 Receba estes desejos com boa vontade e por favor, essas orações  
 E, depois de ter acalmado sua destruição, contenha as ondas ferozes

E, arrebate-nos destes infortúnios e destes esforços  
 Brandamente, mansamente, segurar e acalmar as profundezas.<sup>56</sup>

Então o mar se acalma quando Rollon anuncia a deus que ele e seus companheiros estão indo em busca do batismo na França, porém, os espíritos do mar tentam impedir essa viagem, porque, obviamente, os espíritos do mar não são cristãos. Recordemos que, no capítulo anterior durante a visão de Rollon, ele estaria tomado pela lepra e precisava se purificar e se curar nas águas da França. Interpretando estes relatos, podemos perceber que a lepra está associada ao paganismo, sendo disso que Rollon iria se curar, e o mar também está associado ao paganismo, já que ele não queria deixar passar os futuros cristãos.

### 3.3 o medo e o imaginário coletivo;

Compreende-se o medo como algo coletivo, não como algo individual e psicológico, que sempre existiu e que está ligado a um instinto de sobrevivência, de uma determinada pessoa que no caso deste trabalho, seria Dudon. Dudon seria como “um homem qualquer na qualidade de amostra anônima de um grupo, para além da especificidade das relações pessoais de tal ou tal membro do grupo”<sup>57</sup>

[...]O termo medo ganha então um significado menos rigoroso e mais amplo do que nas experiências individuais, e esse singular coletivo recobre uma gama de emoções que vai do temor e da apreensão aos mais vivos terrores. O medo aqui é o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal e tal ameaça (real ou imaginária) [...]<sup>58</sup>

O medo do mar seria então um dos medos comuns, ou os “medos da maioria”<sup>59</sup> para a sociedade medieval. Ele poderia estar representado por figuras maravilhosas, fantasiosas e

---

<sup>56</sup> Dudon de Saint Quentin. *Gesta Normannorum*. Folios 12v - 13r = File(s) 3(L). “O omnipotent God filling the heavens with light/ You who occupy heaven and earth throughout eternity/And whose divine will compasses all things in their eternal turning,/You who, through the gift of a vision,/Wish troublesome me, filled with the vices of sin and with impurity,/ To become a Christian in the short turning course of future time,/Receive these wishes with good will and, kind, favor these prayers/And, having calmed their destructions, restrain the fierce billows/ And, snatching us from these misfortunes and this exertion,

Softening, taming, hold back and calm the deep. Da tradução para o inglês

<sup>57</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800, uma cidade citiada*. Companhia das Letras : São Paulo, 2009,. p.32

<sup>58</sup> IDEM. Ibidem. p.32

<sup>59</sup> IDEM. Ibidem. p.53

incríveis, ou como uma barreira limítrofe entre um mundo real e um mundo desconhecido. Na fonte Dudon não dá muitos detalhes de como seria esse mar “maravilhoso”, então tomaremos como referencial ser uma área desconhecida, limítrofe e que dali saíam os pagãos e conseqüentemente o fim da paz que na Idade Média poucas vezes existiu. “É verdade que os cavaleiros e clérigos literalmente morriam de medo do mar, mas os marinheiros sabiam mergulhar e nadar”<sup>60</sup>.

Algo recorrente entre os cronistas e que aparecerá nos relatos de viajantes posteriores, é o relato das tempestades, como a que assolou Rollon e seus companheiros durante a viagem à França:

[...]Literatura de ficção e crônicas apresentam a mesma visão estereotipada da tempestade do mar. Ela se levanta de modo brutal e cai de repente. Vem acompanhada de trevas: “O céu agitado, o ar denso”. Os ventos sopram em todos os sentidos. Desencadeiam-se raios e trovões[...] Instantaneidade, borrascas turbilhonantes, vagas imensas que sobem de “abismo”, temporal e escuridão: tais são, para os viajantes de outrora, as constantes da tempestade que muitas vezes dura três dias [...]<sup>61</sup>

Voltemos mais uma vez ao relato de Dudon para evidenciar a recorrência do estereótipo da tempestade:

[...]levantando grandes ondas para o buraco profundo, tão alto quanto as estrelas para cair no precipício. O céu ressoou com mais relâmpagos e uma noite escura de densas sombras desceu sobre eles. Com os remos rachados, as velas não são capazes de suportar o frenesi das ondas. Os navios se movem para lá e para cá de cá para lá através das montanhas e vales. E eles ameaçam a todos com a morte súbita [...].<sup>62</sup>

O medo do mar, portanto, fazia parte de uma população que sempre viveu no continente, ou seja, era essencialmente terrestre e que o mar seria um elemento atípico, diferente e instável, “até a vitória da técnica moderna, o mar era associado na sensibilidade coletiva às piores imagens da aflição. Estava ligado à morte, à noite, ao abismo”<sup>63</sup>. No entanto, é caracterizado de forma diferente por Dudon já que as “águas da França” onde Rollon seria batizado eram calmas e puras- associadas a fontes e riachos, ao contrário da água desconhecida em forma de “mar”, sempre turbulenta e traiçoeira. Nota-se dois tipos de “água”: uma caracterizada pelo indomável e desconhecido- a que trazia medo, e outra caracterizada pela calma, bondade, limpidez- a de fontes que traziam o batismo.

<sup>60</sup> BRESC, Henri. *op. cit.* p.102

<sup>61</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente.* Op. cit. p. 57

<sup>62</sup> DUDON de Saint Quentin. *Gesta Normannorum.* Op. cit.

<sup>63</sup> DELUMEAU, J. *op. cit.* p.70

O imaginário coletivo, compreendido como uma “realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, ficções, imagens, compartilhadas pelos atores sociais”<sup>64</sup> está presente em formas distintas no trabalho de Dudon, que seria tanto um reflexo, ou uma amostra, mas também agente construtor deste imaginário:

[...]Já a História do Imaginário volta-se para objetos mais definidos: um determinado padrão de representações, um repertório de símbolos e imagens com a sua correspondente interação na vida social e política, o papel político ou social de certas cerimônias ou rituais, a recorrência de determinadas temáticas na literatura, a incorporação de hierarquias e interditos sociais nos modos de vestir, a teatralização do poder [...].<sup>65</sup>

A primeira destas formas de representação é de que as sociedades da Idade Média, principalmente no ano 1000, quando Dudon escreve, são sociedades gregárias e não se viam como individuais, ou como formadas por indivíduos. Elas só não passariam mais dificuldades pois havia uma ajuda mútua. No meio desta ajuda mútua, pode se pensar em uma forma de pensar e de analisar o mundo igualmente mútua:

[...] O homem estava inserido em um grupo: o grupo familiar, o da aldeia, o senhorio[...] Esses mecanismos de ajuda mútua evitaram nessas sociedades, a miséria terrível que conhecemos hoje [...]Essa sociedade era gregária: os homens viviam em bandos.”<sup>66</sup>

A segunda é de que um imaginário ou uma imaginação social está ligado a uma forma de poder e é ela que cria e recria o que deve ou não ser pensado de determinada forma. Na Idade Média e principalmente no período do ano 1000, a instituição que pode representar uma unidade e uma onipresença é a Igreja. A sociedade era uma sociedade de crentes<sup>67</sup> e a Igreja através dos símbolos, dos rituais e das palavras, conseguia estabelecer com certa segurança as imaginações ou os imaginários sociais do período em questão, visto que as mesmas são mutáveis e se adequam a uma determinada ótica dos agentes dominantes do seu tempo:

[...]É assim que através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de <<bom comportamento>>, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do <<chefe>>, o <<bom súbdito>>, o <<guerrero corajoso>>, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma <<ordem>> em que cada elemento encontra o seu <<lugar>>, a sua identidade e sua razão de ser[...].<sup>68</sup>

<sup>64</sup> SCHIMITT, Jean-Claude. A imaginação eficaz. *Signum*. São Paulo, nº 3, 2001. p.133

<sup>65</sup> BARROS, J.D. Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica. *Labirinto*: Centro do Estudo do Imaginário da Universidade Federal de Rondônia. <<Disponível em <http://www.cei.unir.br/artigo71.html>>>

<sup>66</sup> DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000 na pista dos nossos medos*. Op. cit. p.28

<sup>67</sup> BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Op. cit. p. 57

<sup>68</sup> BACZKO, B. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Memória e História*. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984 p. 309

Dessa forma, uma instância de poder, que no caso deste trabalho está representada pela Igreja e por Dudon de Saint Quentin, tem a função de “legitimar/invalidar; justificar/acusar; tranquilizar/perturbar; mobilizar/desencorajar; incluir/excluir”<sup>69</sup> os elementos que farão parte de um imaginário coletivo ou de uma imaginação social. Como afirma Duby, o poder da Igreja era fundamental para que seus súditos garantissem a graça de Deus, que era essencial:

[...] Isso explica o poder extraordinário da Igreja, dos servidores de Deus na terra, pois o Estado, tal como o concebemos hoje, não existia. O direito de comandar, fazer justiça, proteger, explorar o povo dispersava-se entre vários pequenos núcleos locais. [...] O que diferencia mais claramente a civilização europeia das outras é que ela é essencialmente historicizante, ela se concebe como estando em processo. O homem do Ocidente tem o sentimento de que progride em direção ao futuro e, assim, ele é muito naturalmente levado a considerar o passado. O cristianismo, que impregnou fundamentalmente a sociedade medieval, é uma religião da história. Proclama que o mundo foi criado num dado momento e que, num outro, Deus fez-se homem para salvar a humanidade. A partir disso, a história continua e é Deus quem a dirige. Para conhecer as intenções divinas é necessário, portanto, estudar o desenrolar dos acontecimentos. É isso o que pensavam os homens cultos, os intelectuais daquela época, ou seja, os membros da Igreja. Todo o saber estava em suas mãos. Um monopólio exorbitante. [...] <sup>70</sup>

Portanto, o medo do mar se faz presente na obra de Dudon e está vinculada a uma ideia estereotipada e bastante difundida na Idade Média, passando a ser parcialmente superado com o início das Grandes Navegações. Os cristãos francos temiam o mar se colocarmos Dudon sendo uma amostra desta sociedade. Além de uma amostra da sociedade, Dudon faz parte de uma instância de poder, como já dito, bastante conciso em tempos de poder Estatal bastante fragmentado e dessa forma, essa instância de poder constrói e regula o imaginário coletivo, criando símbolos, mitos e códigos, que a sociedade da qual Dudon fazia parte absorvia e reproduzia.

---

<sup>69</sup> IDEM. *Ibidem*. p. 312

<sup>70</sup> DUBY, G. *Ano 1000 ano 2000*. Op. cit. p. 15-17

## Considerações Finais

Através da realização deste trabalho pode se chegar às seguintes conclusões:

1) Na fonte *Gesta Normannorum* de Dudon de Saint Quentin, em particular nas suas oito primeiras divisões, se verifica que a tensão entre bárbaros e pagãos é recorrente e acentuada como havia se pensado anteriormente. Dudon não esconde sua antipatia pelos pagãos quando relata o guerreiro *Anstign*, não economizando nos adjetivos pejorativos como: vil, cruel e selvagem. *Anstign* será o responsável pelas invasões na França, causando um grande temor diante da população e, além disso, na Itália forja sua morte e é batizado para que assim possa desferir um golpe, inadmissível para Dudon, contra os cristãos que lhe prestaram auxílio. É o clássico pagão, estereotipado pela visão romantizada de Dudo e que entra em contraste com *Rollo*, o primeiro duque da Normandia, o ascendente direto da pessoa da qual Dudo presta serviços ao escrever sua história. *Rollo* tem família, herda boas características do pai, despreza o rei da *Dacia*, protege seu povo descontente, é traído pelo rei da *Dacia* que tinha muitas semelhanças a *Anstign*. *Rollo* não é descrito para parecer ser mais um deles, ele se destaca, ele tem características distintas. É o homem que sonha com a França e sua fonte milagrosa, aonde ele curaria de seus vícios e pecados, aonde ele poderia se livrar da lepra que o consumia. A fonte do batismo esperava *Rollo* na França, mas antes ele passaria por mais uma provocação: enfrentar a tempestade em alto mar. O guerreiro nórdico que não era como os outros para Dudon quase chegou ao seu fim nas ondas cruéis que conduziam *Rollo* e seus companheiros ao abismo. Então ele reza como um cristão e pede que deus atenuie as dificuldades do caminho que levava ele à cristianização. Então o mar se acalma.

2) Além do estereótipo do pagão, representado por *Anstign*, há o estereótipo do mar no *Gesta Normannorum* que é típico dos clérigos medievais. A representação das tempestades, que jogam o barco pra cima e depois para o abismo do oceano é recorrente nos relatos de viajantes, por exemplo, além do céu escuro, dos relâmpagos e dos trovões. Isso no contexto que Dudon apresenta no caso de *Rollo*, já que no caso de *Anstign*, que não teve nenhum sonho para se tornar cristão, Dudon menciona mais o barco do que o mar: o barco sempre no cenário das pilhagens, do saque e dos incêndios, em outras palavras, sempre em um cenário caótico.

3) Estas duas presenças na fonte estudada, da tenção entre pagãos e cristãos e do medo do mar por parte dos cristãos, pode se relacionar com o imaginário medieval das seguintes maneiras:

- a) a sociedade do ano 1000 ainda que pobre em suas estruturas era uma sociedade gregária
- b) o medo do mar até as Grandes Navegações era um medo comum já que significaria ou o local onde habitavam seres maravilhosos ou o local limítrofe, sem saber o que havia depois dele
- c) o imaginário é construído através de grupos que estão no poder e esse grupo é quem articula, rearticula e legitima os imaginários sociais, que no caso da Idade Média é a Igreja Católica por sua unidade.

4) Em linhas mais gerais: a sociedade escandinava como não sendo uma sociedade homogênea e que os danes, povo que Dudon descreve, é diferente em vários aspectos dos noruegueses e dos suecos, como em organização e preferência por deuses. Também é uma sociedade que se mobilizava por razões diversas que não somente o saque e a pilhagem e à guerra por simples vontade de guerrear mas que estava ligada com redes mais sólidas de comércio e com fatores inclusive políticos. Dinamarqueses que usam da cristianização com fins políticos e como possibilidade de integração em uma sociedade bastante sólida em seu cristianismo aos moldes carolíngios.

## Referências Bibliográficas

### Fonte primária:

DUDO of Saint Quentin- *Gesta Normannorum* (996-1015)- Tradução para o inglês por Felice Lifshitz(1996). Disponível em [http://www.the-orb.net/orb\\_done/dudo/dudindexe.html](http://www.the-orb.net/orb_done/dudo/dudindexe.html)

### Bibliografia geral:

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Memória e História*. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, pp.296-331.

BARROS, José D'Assunção. Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica. *Labirinto*: Centro do Estudo do Imaginário da Universidade Federal de Rondônia. <<Disponível em <http://www.cei.unir.br/artigo71.html>>>

BARTHÉLEMI, Dominique. *A Calavaria: Da Germânia Antiga a França do século XII*. Tradução de Neri de Barros Almeida e Carolina Gual. São Paulo: UNICAMP,2000. 624 p.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. 534 p.

BOYER, Régis. *La vida cotidiana de los vikingos(800-1050)*. Tradução de Maria Tabuyo e Agustín López. Espanha: El Barquero, 2000. 298 p.

BRESC, Henri. *Mar*. IN: LE GOFF, J. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v.2. São Paulo, EDUSC : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002. p. 95- 103

CHIBNALL, Marjorie. *The Normans*. Londres: John Wiley Trade, 2001. 208 p.

CHRISTIANSEN, Eric. *Dudo Of Saint Quentin: History of the Normans*. Woodbridge: The Boydell Press, 1998. 207 p.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 695 p.

DUBY, George. *Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos*. Tradução de Eugênio Michel da Silva e Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: Unesp, 1998. 143p.

FAVIER, Jean. *Carlos Magno*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário medieval*. 3.ed. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994. 367 p.

\_\_\_\_\_. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo, EDUSC : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

LECOUTEUX, Stéphane. *À partir de la diffusion de trois poèmes hagiographiques, identification des centres carolingiens ayant influencé l'œuvre de Dudon de Saint-Quentin*.

Tabularia, Dossier : Écrire l'histoire au Moyen Âge. Unicaen, 2005. Disponível em: <http://www.unicaen.fr/mrsh/craham/revue/tabularia>. Acessado em: 02/11/2012

SCHIMITT, Jean-Claude. A imaginação eficaz. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*. São Paulo, nº3, 133- 155, 2001.

VAN HOUTS, Elisabeth; *The Normans In Europe*. Londres: Manchester University Press, 2000. 352 p.